

Unidade 10



Mobilizando redes sociais no trabalho comunitário

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Identificar o potencial das redes sociais como metodologia de prevenção do envolvimento de adolescentes com as drogas e com a marginalidade.
- Diferenciar o enfoque repressor do enfoque sistêmico.
- Focalizar exemplos de trabalho comunitário e de mobilização de redes sociais.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE?

Temática: Mobilizando redes sociais no trabalho comunitário

Vídeo: *A escolha de Thalia*

Textos:

O trabalho comunitário e a construção de redes sociais

Redes sociais



Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo

Tópicos para aprofundamento

- Os grupos são elementos decisivos para a manutenção do sentimento de pertença e valorização pessoal. Eles influenciam comportamentos e atitudes e funcionam como ponto em uma rede de referência.
- Os pontos de uma rede social de referência são: a família, a escola, os amigos e os colegas de trabalho, entre outros.
- A articulação de diferentes pontos da rede social pode otimizar espaços de convivência positiva que reforçam a troca de experiências na identificação de situações de risco pessoal e possíveis vulnerabilidades sociais.
- Ao articular redes de prevenção, é importante considerar alguns fatores de risco e proteção ao uso de drogas nos diferentes domínios da vida.
- Na ação comunitária, a ideologia preponderante é a cooperação, cuja força se dá no estabelecimento de uma corrente solidária, na qual cada pessoa é importante na sua necessidade de ajuda ou na sua disponibilidade para ajudar.
- O trabalho de prevenção do uso de drogas evoluiu da repressão ao usuário e do amedrontamento da população para um novo enfoque, voltado para a educação e para a saúde, centrado na valorização da vida e na participação da comunidade.
- No trabalho comunitário, os profissionais precisam estar bem preparados e integrados nas redes profissionais.
- São características essenciais do enfoque sistêmico do uso de drogas: preocupação em reduzir a procura por álcool e outras drogas; conscientização da população sobre o uso de álcool e outras drogas; ênfase na autoestima e na autoconfiança; abordagem integrada e contextualizada da questão; prevenção centrada no conhecimento com opção pela saúde e pela vida; visão do envolvimento com drogas como um problema de relações familiares e/ou sociais; e soluções participativas e contextualizadas.





Assista ao vídeo 10 – *A escolha de Thalia*

O vídeo destaca a importância do diálogo na construção de uma rede social de apoio ao adolescente em situação de risco.

Resumo do vídeo – *A escolha de Thalia*

O vídeo de hoje nos mostra uma ação educativa em rede que gerou oportunidades de inclusão para uma adolescente que se afastou da escola, em decorrência do baixo rendimento escolar e consumo de drogas. A diretora Úrsula convoca a família de Thalia, a aluna, que se mostrava revoltada com tudo e com todos. Os pais, por sua vez, já não sabiam mais como orientá-la. Diante da insegurança da mãe quanto ao comportamento da filha, a diretora provoca um diálogo franco, sendo firme e, ao mesmo tempo, afetiva. Incentiva a autoestima e a responsabilidade da estudante, oferecendo-lhe ajuda para a recuperação nos estudos e para o afastamento das drogas. Com o apoio de um psicólogo do posto de saúde próximo à escola, a diretora organiza um espaço de diálogo com a família. Telma, a mãe de Thalia, aceita o convite para a reunião de pais e se compromete a levar o marido.

O efeito da disponibilidade da família e do crédito da diretora em sua palavra é visível na mudança de atitude da estudante que aceita o desafio da diretora de retornar às aulas com ânimo e alegria. Devido ao projeto cultural em andamento na escola, a diretora pode oferecer uma importante oportunidade de reintegração de Thalia no seu grupo de pares, que a recebeu carinhosamente. O convite dos colegas para que ela fizesse parte de um grupo de dança representa um importante espaço para sua integração na escola, sendo também um fator que a motiva a buscar novas amizades e a decidir por uma vida saudável, sem drogas.

Esse episódio chama a atenção para a importância do diálogo e da construção das redes sociais na prevenção do uso de álcool e outras drogas.

As redes sociais podem ajudar muito na prevenção do uso de álcool e outras drogas e na promoção da saúde integral, mas é necessário que os profissionais da educação e de outros segmentos da comunidade atuem de forma integrada nessas redes.

No caso dos adolescentes, pensar em rede significa compreender o jovem no contexto ao qual ele pertence com todas as relações existentes: família, escola, amigos etc.

Para refletir



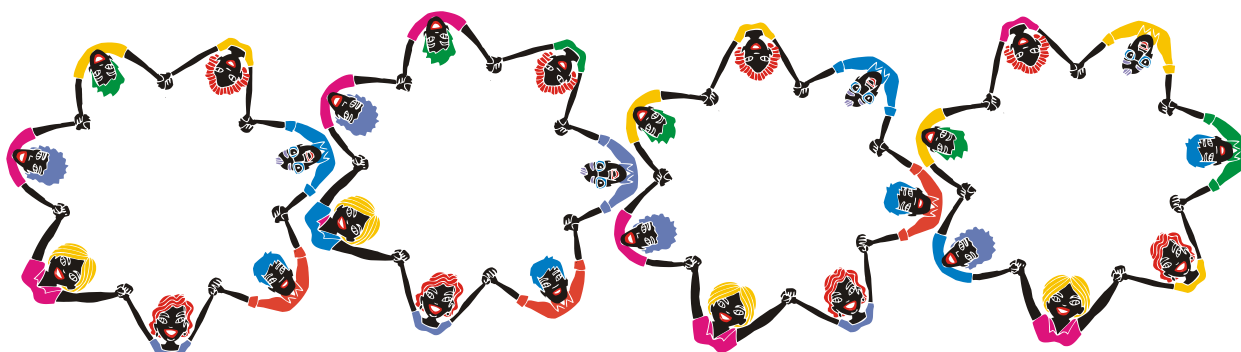
Aproveite este momento e reflita sobre as seguintes questões:

- Você conhece alguma experiência de trabalho comunitário para abordar o problema do uso de drogas?
- Pense na sua rede de contatos. Você tem uma relação estreita ou distante com as pessoas com quem convive?
- Já pensou sobre a qualidade de suas relações e de seu envolvimento na sua rede de convivência?
- Qual é o papel que você exerce dentro dela? Qual é o papel que você exerce na sua escola e na sua comunidade?

Aprofunde os conhecimentos desta unidade lendo os textos a seguir.

O TRABALHO COMUNITÁRIO E A CONSTRUÇÃO DE REDES SOCIAIS

Maria Fátima Olivier Sudbrack



A saúde comunitária

Vamos agora conhecer uma nova maneira de pensar a questão do uso de drogas, a partir da mobilização de todos os segmentos de uma determinada comunidade. Pode-se falar de saúde comunitária quando os membros de uma comunidade geográfica ou social, conscientes de pertencerem a um mesmo grupo, refletem em conjunto sobre os seus problemas de saúde, expressam suas necessidades prioritárias e participam ativamente da implementação e da avaliação das ações propostas para suprir as suas carências.

A saúde comunitária implica uma postura mais aberta dos profissionais para a realização de um trabalho em espaço não institucional, o que supõe uma nova maneira de ver a comunidade e os usuários dos serviços de saúde. Essa postura inovadora dá origem a um novo eixo de ação que relaciona os problemas de saúde às questões sociais, denominado abordagem de intervenção comunitária ou, simplesmente, trabalho comunitário.

Essa abordagem tem, na cidadania, o princípio de atuação tanto dos profissionais quanto dos membros da comunidade e dos usuários de drogas. A partir do reconhecimento dos diferentes campos de atuação e das respectivas competências de cada uma dessas três forças essenciais, a proposta comunitária torna-se horizontal, isto é, pode ser desenvolvida de maneira integrada, sem excluir nenhum setor profissional ou grupo de pessoas.

Pode-se acrescentar, ainda, que se trata de uma proposta inovadora, pois enfatiza a importância do encontro dos **saberes locais** para a construção do **saber coletivo**. A experimentação permanente e o movimento de integração contínuo entre os diferentes indivíduos diante de uma tarefa comum a ser cumprida não só abrem caminho para uma atuação efetiva, mas também permitem a transformação.

O trabalho comunitário pode ser definido a partir de três dimensões:

- A participação que gera mudanças na maneira de se posicionar e nas atitudes práticas das pessoas diante do problema – a intervenção adquire, assim, uma outra eficácia, porque se fundamenta na contribuição de todos.
- O enraizamento social, ou seja, o trabalho tem sua origem no grupo de pessoas para o qual a ação se dirige – nesse caso, enfatiza-se uma atuação de parcerias que tem como resultado o funcionamento em rede de todas as iniciativas ligadas à prevenção.
- As parcerias múltiplas que permitem uma percepção global dos recursos da comunidade e evitam que a intervenção seja restrita à ação de especialistas – o trabalho exige a utilização de recursos comunitários não mobilizados até então.

A partir dessas dimensões, a maneira inovadora de perceber o envolvimento das pessoas com as drogas na comunidade permite conhecer melhor a realidade, à medida que se articulam saberes diferentes para se chegar a um saber mais abrangente.

Um novo olhar sobre o uso de drogas

O modelo tradicional, baseado na repressão que estigmatiza o usuário e promove o amedrontamento da população, está superado. O trabalho de prevenção do uso de drogas vem evoluindo com a construção de um novo enfoque, voltado para a educação e para a saúde, centrado na valorização da vida e na participação da comunidade.

Enfoque do medo	Enfoque sistêmico
Controle da oferta Preocupação em controlar a oferta de drogas ilícitas, com pretensão de acabar com as drogas.	Redução da demanda Preocupação em reduzir a procura por drogas, com limites para crianças e jovens no acesso às drogas lícitas e ilícitas.
Controle externo Criminalização do usuário de drogas, com abordagem policial centrada nas drogas ilícitas.	Autonomia Conscientização da população sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas.
Amplificação da violência que gera insegurança e paralisia Ênfase no medo e nas ameaças, promovendo impotência e inércia.	Ampliação do conhecimento e competência para ação Ênfase na autoestima e na autoconfiança, promovendo iniciativas para soluções criativas.
Abordagem isolada Problema reduzido à questão do produto, atribuindo poder à substância sem considerar o sujeito.	Abordagem integrada Problema definido a partir do encontro de uma pessoa com um produto em um contexto sociocultural.
Repressão Prevenção centrada na fuga do problema, usando um discurso estereotipado e amedrontador, impondo posturas e decisões autoritárias.	Educação Prevenção centrada no conhecimento da realidade, quebrando tabus, reconhecendo situações de risco, promovendo a opção pela saúde e pela vida.
Questão individual Envolvimento com drogas visto como um problema pessoal, tratado como um processo patológico individual.	Questão relacional Envolvimento com drogas visto como um problema de relações, tratado como processo de mudanças no contexto sociofamiliar.
Soluções hierarquizadas e parciais Isolamento dos usuários do convívio social, transferindo o problema para especialistas.	Soluções participativas e contextualizadas Mobilização dos recursos comunitários, construindo vínculos afetivos, redes sociais, integrando os diferentes saberes.

Para que você tenha uma ideia clara a respeito do novo enfoque, descrevemos, a seguir, cada uma de suas características essenciais.

- **Redução da demanda** – Ao conhecer as motivações e as necessidades, é possível perceber a oferta e a demanda sob uma ótica da circularidade, ou seja, que a demanda gera oferta, mas também que a oferta gera demanda. Sobretudo, no caso de jovens e de crianças, esta compreensão sistêmica da circularidade entre oferta e demanda nos remete à importância da colocação de limites firmes no acesso precoce às drogas.
- **Autonomia** – A proposta da conscientização da população privilegia a reflexão crítica sobre as experiências com drogas, avaliando os limites de cada pessoa na sua relação com o consumo dos diferentes produtos. Nesse caso, é importante reconhecer a opção do usuário ao fazer uso de drogas e que a mudança do seu comportamento só será efetiva a partir do momento em que ele compreende o sentido desse ato e aceita o limite como uma regra em benefício de sua saúde.
- **Ampliação do conhecimento e competência para a ação** – O enfoque sistêmico privilegia os aspectos positivos e da saúde, resgatando as competências das pessoas, para que elas reajam de forma criativa na solução de seus problemas. Nesse sentido, a intervenção preventiva do uso de drogas deve proporcionar situações que ampliem o conhecimento e a segurança das pessoas, a fim de que se sintam encorajadas para a ação.

- **Abordagem integrada** – A droga vista na sua relação com o usuário e o meio ambiente mostra a passagem de uma forma isolada de se tratar a questão para uma abordagem integrada e contextualizada que denominamos abordagem sistêmica. Não podemos atribuir à droga uma vida própria, pois ela é apenas uma substância inerte e inofensiva em si, sem possuir qualquer poder de influenciar pessoas.
- **Educação** – É necessária uma abordagem centrada na informação adequada em vez de simplesmente reprimir pelo medo e pelo terror. A ampliação do conhecimento permite a identificação das situações de risco a serem evitadas e também promove maior conscientização a respeito das consequências e motivações relacionadas ao ato de drogar-se.
- **Questão relacional** – O comportamento de uso de drogas representa a busca de uma solução em face de dificuldades apresentadas no contexto das relações familiares e/ou sociais. O uso de drogas nos remete a um questionamento que vai além da pessoa do usuário e se amplia para uma reflexão e intervenção junto a todas as pessoas envolvidas.
- **Soluções participativas e contextualizadas** – A ideia de promover soluções participativas e contextualizadas traduz valores essenciais que fundamentam a prática de redes sociais como a cooperação, a complementaridade, o respeito mútuo, a afinidade afetiva, o prazer de estar junto. Destaca-se aqui, como estratégia fundamental na intervenção preventiva, a necessidade de se privilegiarem os vínculos entre as pessoas e as redes sociais construídas naturalmente na comunidade.

Desafios no trabalho preventivo com as comunidades de baixa renda

É possível que os moradores de comunidades de baixa renda encontrem no tráfico de drogas organizado uma referência de poder, autoridade, controle e até mesmo de proteção que pode substituir o vazio deixado pelo Estado na assistência a essas populações. Nesse caso, algumas questões precisam ser discutidas previamente antes de qualquer intervenção.

- O que se pode fazer em comunidades em que a presença do tráfico de drogas é significativa?
- Como trabalhar com a prevenção do uso de drogas numa situação em que tudo está em risco, até a própria vida?
- Quais as possibilidades de se falar sobre drogas numa comunidade regida pela “lei do silêncio”?
- Como superar a passividade e a cumplicidade geradas pelo medo?
- Como mobilizar o potencial criativo dessas comunidades para que se produza algo novo?
- O que é possível mudar e qual o preço dessa mudança?
- Com quem podemos contar como aliados nesse trabalho?

Essas questões devem ser debatidas pelas equipes envolvidas na prevenção e avaliadas de acordo com a realidade de cada comunidade, para que se chegue a uma proposta de participação conjunta. O trabalho comunitário desenvolvido a partir de diferentes atividades propostas pela própria comunidade pode elevar a qualidade de vida das pessoas, agindo sobre as carências que fazem com que os jovens busquem o consumo de drogas.



A importância da participação de todos

As ações preventivas no trabalho comunitário assumem, assim, uma natureza diferente e mais abrangente e, por essa razão, os profissionais precisam estar bem preparados e integrados nas redes profissionais. É importante que se incentive a troca de experiências, para que visões diferentes do problema se complementem e promovam a solidariedade diante das dificuldades.

Ao mesmo tempo em que a prevenção do uso abusivo de drogas exige conhecimentos especializados, o trabalho comunitário de construção das redes sociais mostra que a prevenção é função de todos os cidadãos. Cada pessoa tem um papel a desempenhar e uma competência a oferecer para o objetivo comum de articular e de sustentar a rede social. Inicia-se, assim, um processo de construção de um novo saber. O saber popular se une ao saber acadêmico e ao saber político para construir um saber comum a todos.

O trabalho de prevenção desenvolvido desse modo vai muito além da divulgação de conhecimentos específicos sobre as drogas. A diversidade de experiências e visões sobre o problema, graças à participação dos diferentes profissionais ou das pessoas interessadas em querer solucioná-lo, enriquece a comunidade, pois todos têm alguma contribuição a dar, independentemente do papel social desempenhado. Educadores, pais, filhos, amigos, empresários, profissionais, religiosos, enfim, todos podem e devem ser envolvidos no trabalho de prevenção.

O desafio fundamental de quem trabalha nessa área é enfrentar o sentimento de impotência diante de problemas de natureza social e econômica. Nesse caso, a prática de redes sociais também oferece um relevante suporte, centrado na integração que se estabelece em torno do objetivo comum que o grupo tem. A partir desse modelo de atuação, surgem novas maneiras de encarar o problema e abrem-se novas perspectivas, pois a crise é considerada como um momento de enorme potencial para a mudança e para o surgimento de novas possibilidades.

A proposta de implantação de redes sociais está voltada, de maneira geral, para a promoção da saúde, sem reduzir o objetivo à questão específica das drogas. Pensar na promoção de saúde abre amplas perspectivas para a construção de estratégias que promovam a aproximação entre as pessoas de uma determinada comunidade, reforçando os vínculos afetivos entre elas e permitindo a circulação das informações necessárias, trocas de experiências, aprendizados recíprocos e a construção de soluções coletivas.

REDES SOCIAIS

Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte



O conceito de rede social como um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos vem se ampliando dia a dia, à medida que se percebe o poder da cooperação como atitude que enfatiza pontos comuns em um grupo para gerar solidariedade e parceria.

O homem, como ser social, estabelece sua primeira rede de relação no momento em que vem ao mundo. A interação com a família confere-lhe o aprendizado e a socialização, que se estendem para outras redes sociais. É por meio da convivência com grupos e pessoas que se moldarão muitas das características pessoais determinantes para sua identidade social. Surgem, nesse contexto, o reconhecimento e a influência dos grupos como elementos decisivos para a manutenção do sentimento de pertencimento e de valorização pessoal.

Todo indivíduo carece de aceitação, e é na vida em grupo que ele externará e suprirá essa necessidade. Os vínculos estabelecidos tornam-se intencionais, definidos por afinidades e interesses comuns. O grupo passa, então, a influenciar comportamentos e atitudes, funcionando como ponto em uma rede de referência composta por outros grupos, pessoas ou instituições, cada qual com uma função específica na vida da pessoa.

Na prática, a existência humana constitui-se nas interações. O ambiente poderá intensificá-las ou diminuí-las de acordo com o surgimento de novos interesses e novas necessidades. É o equilíbrio dessas interações que vai determinar a qualidade das relações sociais e afetivas do indivíduo com os pontos de sua rede, que são: a família, a escola, os amigos, os colegas de trabalho, entre outros.

Assim, o indivíduo pode constituir ou fazer parte de uma rede, cujo padrão de interação poderá ser:

Positivo – privilegiando atitudes e comportamentos que valorizam a vida.

Negativo – marcado por atitudes e comportamentos de agressão à vida.

É importante salientar que o padrão de interação nem sempre se dá de maneira estanque. Dificilmente, uma pessoa se relacionará de forma totalmente negativa ou positiva.

Objetivos das Redes Sociais

- favorecer o estabelecimento de vínculos positivos, por meio da interação entre os indivíduos;
- oportunizar um espaço para reflexão, troca de experiências e busca de soluções para problemas comuns;
- estimular o exercício da solidariedade e da cidadania;
- mobilizar pessoas, grupos e instituições para a utilização de recursos existentes na própria comunidade;
- estabelecer parcerias entre setores governamentais e não governamentais, para implementar programas de orientação e prevenção, pertinentes a problemas específicos apresentados pelo grupo.



A construção da rede somente poderá ser concretizada à medida que se associam os princípios da responsabilidade pela busca de soluções com os princípios da solidariedade.

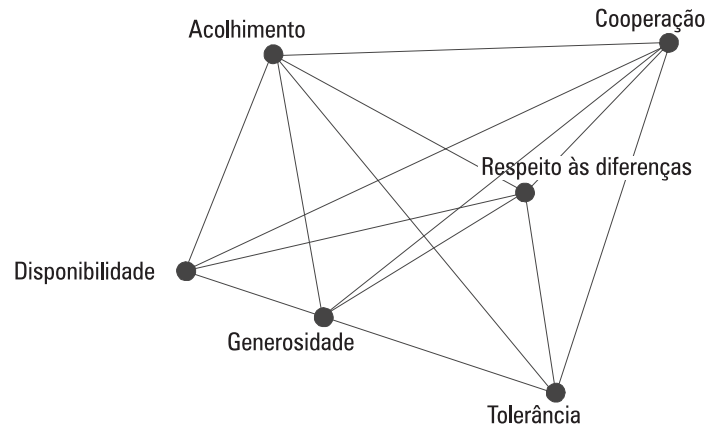
É preciso que cada cidadão busque dentro de si o verdadeiro sentido da gratificação pessoal mediante a participação.

Ao educador compete potencializar a força natural dos indivíduos e da comunidade, em ações para a formação e fortalecimento de redes voltadas à garantia de acesso aos direitos sociais e ao exercício da cidadania.

Características a serem identificadas e desenvolvidas no trabalho em rede:

- **Acolhimento** – capacidade de acolher e compreender o outro, sem impor quaisquer condições ou julgamentos, ou impor-se.
- **Cooperação** – demonstração do real interesse em ajudar e de compartilhar na busca das soluções.
- **Disponibilidade** – demonstração e associação a um compromisso solidário.
- **Respeito às diferenças étnicas, econômicas e sociais** – reconhecimento da diversidade e respeito por ela.
- **Tolerância** – capacidade de suportar a presença ou interferência do outro sem sentimento de ameaça ou invasão.
- **Generosidade** – demonstração de um clima emocional positivo (apoio, carinho, atenção e dar sem exigir retorno).

Na figura abaixo, é apresentado um exemplo da articulação das características de rede.



As Redes Sociais e a prevenção do uso de drogas

O uso de drogas tem se revelado como um importante problema de saúde pública com enorme repercussão social e econômica para a sociedade contemporânea. Não obstante os esforços do poder público e da sociedade civil na busca de alternativas, o aumento do consumo e a precocidade com que os jovens vêm experimentando vários tipos de drogas, alertam especialistas para uma direção comum: **é preciso prevenir!** Prevenir no sentido de educar o indivíduo para assumir atitudes responsáveis na identificação e no manejo de situações de risco que possam ameaçar a opção pela vida.

Essa visão de **prevenção** enfatiza a adoção da **educação** não apenas como um “pacote” cumulativo de informações sobre drogas, mas como um processo contínuo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de habilidades psicossociais que permitam um crescimento social e afetivo equilibrado ao indivíduo.

A articulação de diferentes pontos da rede social pode otimizar espaços de convivência positiva que favoreçam a troca de experiências para a identificação de situações de risco pessoal e possíveis vulnerabilidades sociais, observando que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), são fatores de risco do uso de drogas:

- ausência de informações adequadas sobre as drogas;
- insatisfação com a sua qualidade de vida;
- pouca integração com a família e a sociedade;
- facilidade de acesso às drogas.

A participação comunitária

O impacto da participação em um projeto social transcende o suprimento de carências, pois a vivência comunitária é veículo para a ampliação da visão de mundo, geração de conhecimentos, exercício da cidadania e transformação social.

Na ação comunitária, a ideologia preponderante é a cooperação, cuja força se dá no estabelecimento de uma corrente solidária em que cada pessoa é importante na sua necessidade ou na sua disponibilidade para ajudar.

As soluções participativas mobilizam as ações de responsabilidade partilhada, a formação, o estreitamento de parcerias e a otimização dos recursos existentes na comunidade, possibilitando o desenvolvimento de trabalhos de prevenção do uso de drogas com os seguintes enfoques:

a) Prevenção universal: é dirigida à população em geral. No contexto escolar, esse modelo de prevenção abrange toda a comunidade escolar (alunos, professores, familiares, funcionários administrativos etc.), ou um grupo como um todo (ex.: todos os alunos da escola). Por exemplo: gincana sobre saúde e qualidade de vida com participação de todos os alunos da escola.

b) Prevenção seletiva: é dirigida a grupos específicos da comunidade escolar, com o objetivo de identificar os fatores de risco associados ao uso de álcool e outras drogas e atuar de forma a retardar ou impedir o uso

e o abuso. Por exemplo: ação de orientação para estudantes de ensino médio que comumente frequentam festas onde há consumo de álcool.

c) Prevenção indicada: planejada para pessoas que já apresentam os primeiros sinais de uso abusivo de álcool e outras drogas. Tem por objetivo prevenir a evolução para um quadro de dependência e suas complicações. O enfoque da intervenção deve ser específico para cada indivíduo ou grupo e considerar os problemas escolares, de saúde, familiares e sociais relacionados ao padrão de consumo. Por exemplo: o vídeo desta unidade (*A escolha de Thalia*) mostra uma atuação orientada pela prevenção indicada, uma vez que Thalia estava afastada da escola, com notas baixas e fazendo uso de drogas. Foi necessária uma ação específica para sua situação.

Experiências de trabalho em rede

Existem inúmeras experiências que demonstram ser possível o trabalho em rede. Você irá conhecer algumas Instituições, Organizações, Associações, Projetos, dentre outros, que realizam esses trabalhos com a intenção de solucionar ou amenizar os problemas causados pelo uso abusivo de álcool e outras drogas.



Associação Lua Nova

A Associação Lua Nova é uma iniciativa não-governamental que tem por objetivo a reinserção social de jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social. Com sede em Sorocaba (SP), desenvolve ações de geração de renda, trabalho, estudo, desenvolvimento comunitário e cidadania. Tem como missão “resgatar e desenvolver a autoestima, a cidadania, o espaço social e a autossustentabilidade de jovens mães vulneráveis, facilitando sua inserção como multiplicadoras de um processo de transformação de comunidades em risco”.

Para que isso ocorra, a ONG desenvolve uma série de programas. A etapa inicial é dar residência, alimentação, assistência médica, psicológica e educacional às jovens e seus filhos. A etapa seguinte é chamada de Lua Crescente, que fomenta o planejamento da futura “vida em família” e encoraja os primeiros passos para a independência socioeconômica das residentes. Para chegar a essa independência as residentes participam de Projetos de Geração de Renda e Trabalho, como, por exemplo, o Projeto Criando Arte, que consiste na formação de costureiras e criação, desenvolvimento, produção e venda de bonecas e brindes. O projeto Panificadora Lua Crescente trabalha na produção e venda de biscoitos artesanais, dentre outros. Por meio de seu trabalho e métodos terapêuticos empregados, a Associação Lua Nova pretende tornar-se referência nacional e um centro multiplicador por excelência de programas de inserção social de jovens/ adolescentes em situações de risco. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas financiou a sistematização dessa metodologia, com o objetivo de disseminá-la em outros municípios brasileiros.

Caso você queira conhecer mais sobre a Associação Lua Nova, entre em contato: luanova@luanova.org.br

Terapia Comunitária

A metodologia da Terapia Comunitária (TC), desenvolvida no Brasil, fundamenta-se no reconhecimento dos potenciais e das competências existentes em cada pessoa, nos grupos e na comunidade, para o enfrentamento dos problemas em seu cotidiano.

Nesse sentido, o trabalho comunitário revela-se como uma importante estratégia na otimização dos recursos, pois visa trabalhar a saúde comunitária em espaços públicos, com valorização na prevenção e na participação de todos.

A TC tem sido, também, um instrumento de mobilização de recursos locais e de reflexão sobre o sofrimento de famílias com problemas decorrentes do uso de álcool ou outras drogas por parte de algum de seus membros, fortalecendo, assim, os vínculos sociais e as redes de proteção. Nesta perspectiva, a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas promoveu a capacitação de 720 terapeutas comunitários para qualificá-los especificamente no atendimento das questões relativas ao tema.

Caso você queira conhecer mais sobre a Terapia Comunitária, acesse: <http://www.abratecom.org.br>



Central Única das Favelas – CUFA

A Central Única das Favelas (CUFA) é uma organização criada a partir da união entre jovens de várias favelas do país que buscavam espaço para expressar atitudes, questionamentos ou simplesmente sua vontade de viver.

A CUFA promove atividades nas áreas de educação, lazer, esportes, cultura e cidadania. Como recurso, utiliza grafite, formação de DJs, *break*, *rap*, audiovisual, basquete de rua, literatura, entre outros. O *hip hop* é a principal forma de expressão da CUFA e serve como ferramenta de integração e inclusão social. A Central produz, distribui e veicula a cultura *hip hop* por meio de publicações, discos, vídeos, programas de rádio, *shows*, concursos, festivais de música, cinema, oficinas de arte, exposições, debates e seminários. A equipe CUFA está presente nos 26 estados da União e no Distrito Federal. É composta, em grande parte, por jovens formados nas oficinas de capacitação e profissionalização das bases da instituição, oriundos das camadas menos favorecidas da sociedade e que atuam em rede com as comunidades locais.

Caso você queira saber mais sobre a CUFA, acesse: <http://www.cufa.org.br>

Conheça outros projetos de trabalho em rede

Projeto Pracatum

- A Associação Pracatum Ação Social foi fundada em 1994 pelo músico Carlinhos Brown com o objetivo de desenvolver um trabalho fundamentado nos temas educação e cultura, mobilização social e urbanização. A missão da associação é a melhoria da qualidade de vida dos moradores da comunidade do Candeal (Salvador – BA), por meio do desenvolvimento comunitário, saneamento básico e programas educacionais e culturais. As iniciativas sociais incluem questões de responsabilidade social e inserção dos jovens da comunidade no mercado de trabalho. O lugar é um centro de referência em cursos de formação profissional em moda, costura, reciclagem, idiomas e oficinas de capoeira, música, dança e de temáticas ligadas à cultura afro-brasileira, além de uma escola infantil.

Caso você queira saber mais sobre o Projeto Pracatum, acesse: <http://www.carlinhosbrown.com.br>

Grupo Cultural Olodum

- O grupo Olodum da Bahia possui uma Escola Criativa que desenvolve uma série de cursos, tais como: oficina de mamulengos, dança, teatro, percussão, dicção e postura de voz, reforço escolar, iniciação musical, História e Português. Na área de saúde, o projeto Pró-Saúde busca educar e informar a população sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. O grupo realiza ainda campanhas de limpeza urbana, que visam manter a comunidade limpa, assim como o reaproveitamento de parte do lixo como material reciclável.

Programa Social da Mangueira

O Programa Social da Mangueira reúne um conjunto de ações que atendem às áreas de Esporte, Saúde, Educação para o Trabalho, Lazer e Cultura. As atividades são voltadas para pessoas de diversas idades, de crianças a idosos. Atualmente, o Complexo Olímpico atende cerca de 2.500 crianças e adolescentes e ainda se estende ao manter atividades para adultos. O reflexo direto desse trabalho é o baixo índice de criminalidade infantil e o aumento da escolaridade na comunidade da Mangueira. A Vila Olímpica da Mangueira foi escolhida pela BBC de Londres como o melhor projeto social da América do Sul.

Caso você queira saber mais sobre o Programa Social da Mangueira, acesse: <http://www.mangueira.com.br/mangueira>



Referências

ARATANGY, L. R. *Desafios da convivência* – pais e filhos. São Paulo: Gente, 1998.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 159-194.

COLLE, F. X. *Toxicomanies, systèmes et familles* – où les drogues rencontrent les emotions. Paris: ESF, 1995.

COSTA, L. F. *Reuniões multifamiliares*: uma proposta de intervenção em psicologia na comunidade. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. *Redes*: el lenguaje de los vínculos – hacia la reconstrucción y el fortalecimiento de la sociedad civil. Buenos Aires: Paidós, 1995.

DUARTE, P. *Reinserção Social*. Curso Nacional de aprendizado a distância. Secretaria Nacional Antidrogas e Universidade de São Paulo (no prelo).

FALEIROS, V. P. *Estratégias em Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2001.

GOVERNO FEDERAL. *Estudo Qualitativo*: as redes sociais e as representações de risco entre usuários de drogas injetáveis. Série Avaliação – Projeto Ajude Brasil. Disponível em: <www.aids.gov.br/final/biblioteca/avaliacao6/ajude_71.htm-19k->. Acesso em: 15 jan. 2010.

MIRANDA, C. F.; MIRANDA, M. L. *Construindo a relação de ajuda*. Belo Horizonte: Crescer, 1983.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1996.

OPAS, Redes locais frente a la violencia familiar. *Série*: Violencia Intrafamiliar y salud. Documento de Análisis n. 2. La asociación de solidaridad para países emergentes. Peru, 1999.

SLUZKI, C. *Redes sociais* – alternativa na prática terapêutica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SUDBRACK, M. F. O. Construindo redes sociais: metodologia de prevenção da drogadição em adolescentes de famílias de baixa renda do Distrito Federal. In: MACEDO, R. M. *Família e comunidade*. São Paulo: Cadernos da ANPPEP, 1997.